

impunha a necessidade de uma resenha, feita por especialista severo, de quanto se tem publicado sobre o indígena brasileiro desde os dias do Descobrimento. Baldus se incumbiu da trabalhosa tarefa, não poupando esforços por encontrar, em bibliotecas públicas e particulares, nacionais e estrangeiras, as revistas, folhetos e livros em que pudesse haver algo de aproveitável para o conhecimento de nossa etnologia. Dessa forma, pôs à disposição dos interessados grande cópia de informes, que lhes poupam, doravante, muitas buscas inúteis.

Dada a heterogeneidade das contribuições, compreende-se que o autor sobreponha a apreciação crítica de cada trabalho à simples indicação do conteúdo. E em geral, pode-se dizer, não peca por excessiva complacência para com leigos e diletantes que escrevem sobre o ameríndio, atraídos apenas pelo gosto do exótico e do extravagante e sem se munirem do necessário cabedal de conhecimentos teóricos que lhes proporcione um quadro de referência ao menos para formularem as suas questões num plano científico. Não se há de exigir, é evidente, que os juízos críticos apresentados na bibliografia decorram exclusivamente da aplicação de critérios de ordem intelectual; não podem deixar de sofrer a influência de elementos subjetivos, que o autor, aliás, de modo algum procura disfarçar. Com bastante razão, evita, em geral, a referência a artigos ou mesmo livros inúteis ao estudioso da etnologia brasileira; assim mesmo, autores de escritos notoriamente malfeitos surgem, vez por outra, na ordem alfabética dos nomes, para então serem liquidados, sem mais comentário, com duas ou três palavras arrasadoras. Por outro lado, escaparam alguns trabalhos de indiscutível interesse para o especialista. Não cabe, porém, aqui enumerar títulos que, a nosso ver, mereceriam figurar na bibliografia e que em edição futura serão, por certo, tomados em consideração.

Andou bem a Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo em arcar com as despesas da publicação e pô-la à disposição dos interessados por preço realmente acessível a qualquer bolsa. E quanto ao crítico, cremos não haver quem lhe negue calorosos e sinceros aplausos pelo relevante serviço que vem de prestar à etnologia brasileira.

*Egon Schaden*

EGON FREIHERR VON EICKSTEDT: *Atom und Psyche*. Ein Deutungsversuch. III, 158 págs. Ferdinand Enke Verlag. Stuttgart, 1954. Preço: broch. DM 12. —; encad. DM 14.20.

Conhecimentos sobremodo extensos, inclusive nos domínios da física, da biologia e da psicologia, habilitam o autor a levantar um importante problema numa formulação que se tornou possível graças aos resultados, múltiplos e em grande parte já seguros, da moderna pesquisa atômica. Trata-se de saber em que medida as qualidades fundamentais das manifestações atômicas se revelam iguais ou, pelo menos, paralelas aos fenômenos psíquicos.

O autor aborda o assunto na consciência de, atendendo ao estado atual da física atômica, conferir sentido novo a uma velha questão de capital importância. Sem fugir embora ao horizonte tradicional de princípios científicos e teses filosóficas, procura, com recurso aos dados positivos da ciência, demonstrar a probabilidade de manifesta analogia entre, de um lado, as três qualidades fundamentais da existência psíquica — impulso, sentimento e recordação (vontade, vida afetiva e memória) — e, do outro,



as três qualidades atômicas fundamentais: atividade, reatividade e recapitulidade. No curso da argumentação, passando da física, através da biologia, ao campo das manifestações psíquicas, discute “a natureza e atividade do quant e do próton e életron em face do átomo e da molécula, o papel, do átomo hexa-eletrônico na irrupção da dinamomatéria e do contínuo tempo-espaço, bem como o ulterior desenvolvimento complementar de seus aspectos em cristais, agregados e corpos, e, ainda, a sua integração em células, tecidos e organismos e seu comportamento atômico, (...) a sua progressiva diferenciação em tecidos nervosos e sistemas neurocrínicos como aparelhamentos cosmo-terrestres de transformação e a continuidade dessa conjunção sinérgica de caráter único na existência do corpo vivo até a sua mais alta diferenciação nos homínidas” (pp. 146-147), daí tirando a conclusão, considerada irrefutável do ponto de vista lógico, de haver correspondência, no tocante à especialização terrestre, entre o aspecto psíquico do mundo biótico e o energético do mundo cósmico.

Quanto ao caráter da exposição, frisa o autor que o seu raciocínio tem a pretensão de avançar por terreno virgem adentro, não devendo ser tomado como simples passos preliminares em direção duma “hipótese de trabalho” ou como “tentativa de interpretação”. “Mal se pode, entretanto, dizer que uma psicologia atômica tenha começado, e ela pode ainda reclamar o trabalho de gerações inteiras. Pois, por singelo e simples se nos afigure o todo, os pormenores, complicadíssimos desde o princípio, vão se multiplicando de forma estonteante” (p. 150).

Diante da originalidade dos pensamentos e do extraordinário cabedal de dados das diversas ciências naturais que lhes serve de base e condição, serão pouco numerosos, por ora, os leitores capazes de acompanhar, com crítica construtiva, a obra de estréia dessa “psicologia atômica”. De qualquer forma, a apreciação crítica não pode deixar de aplaudir o ativo espírito pioneiro disposto a encarar novas realidades, qual seja a pesquisa atômica, como fator vitalizador de outras disciplinas, chamando a si a tarefa de investigar as correlações interdisciplinares. E se acaso o audacioso avanço de von Eickstedt não se resume no “filho predileto” de um pesquisador, se acaso lhe inere a significação de um pensamento fadado a fazer escola e a fazer história, já agora se pode dizer, no que respeita à Ciência do Homem, que as perspectivas revolucionárias se farão sentir em primeira linha numa reformulação de problemas e objetivos da antropologia física, repercutindo somente de maneira mediata no domínio da antropologia cultural.

*E. A. von Buggenhagen*

ILSE SCHWIDETZKY: *Das Problem des Völkertodes*. Eine Studie zur historischen Bevölkerungsbiologie. VII, 165 págs. Ferdinand Enke Verlag. Stuttgart, 1954. (Broch. DM 12.—; encad. DM 14,60).

Trata-se de uma bela contribuição à ciência. A formulação precisa e bem orientada do problema, aliada à extraordinária competência científica da autora, não podia deixar de levar aos resultados abundantes e sobremodo sugestivos que o trabalho encerra.

Na composição “Völkertod” (morte dos povos), o conceito de morte, emprestado à esfera biológico-individual, é preliminarmente submetido, com arte e perícia, a um exame crítico tendente a torná-lo prestável para